



IGREJA EVANGÉLICA DA PAZ

*Rua Silva Jardim, 503 Macuco – Santos – SP
Cep 11015-021 – Telefone 0**13 3232-4337
www.iepaz.org.br – WhatsApp 13-98126-0055
e-mail: iepaz@terra.com.br*

Subsede de São Vicente: Rua Frei Gaspar, 3331 – Cidade Náutica

CURSO PANORAMA BÍBLICO I
HISTÓRIA E TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

1º Semestre de 2018

ATOS DOS APÓSTOLOS

Prof. Lucas Rinaldi

TEXTO BASE:

Panorama do Novo Testamento,

Robert H. Gundry, Edições Vida Nova, 4ª edição, 1987.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS ADICIONAIS:

A Bíblia Anotada (ARA)

Charles Caldwell Ryrie, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, 1991.

Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,

R.N. Champlin e J.M. Bentes, Editora Candeia, 1995.

Introdução ao Novo Testamento,

D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, Edições Vida Nova, 1ª edição, 1997.

“...crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo...” (IIPe. 3.18).

ATOS DOS APÓSTOLOS

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
O AUTOR	4
A AUTORIA	4
ESTILO LITERÁRIO.....	5
FONTES.....	5
EXATIDÃO HISTÓRICA	5
FINAL E DATA	6
PROPÓSITOS.....	6
CAPÍTULOS 1 – 12	
ESPERANDO PELO ESPÍRITO SANTO	7
A GRANDE COMISSÃO.....	7
A ASCENSÃO.....	8
A ESCOLHA DE MATIAS	8
O DIA DE PENTECOSTES	8
O SERMÃO DE PEDRO	8
A VIDA COMUNITÁRIA	9
ANANIAS E SAFIRA	9
OS SETE DIÁCONOS.....	9
O SERMÃO DE ESTÊVÃO	10
O MARTÍRIO DE ESTÊVÃO	10
FILIPE EM SAMARIA	10
SIMÃO, O MAGO.....	10
OS SAMARITANOS RECEBEM O ESPÍRITO SANTO.....	11
O EUNUCO ETÍOPE	11
A CONVERSÃO DE PAULO	11
AS PRIMEIRAS PREGAÇÕES DE PAULO	11
A FORMAÇÃO DE PAULO	11
OS MILAGRES E A VISÃO DE PEDRO.....	12
A SALVAÇÃO DOS GENTIOS NA CASA DE CORNÉLIO	12
ATÉ ANTIOQUIA DA SÍRIA	13
PERSEGUIÇÃO POR HERODES AGRIPA.....	13

CAPÍTULOS 13 – 28

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO	13
ANTIOQUIA DA SÍRIA.....	13
CHIPRE, ELIMAS E SÉRGIO PAULO	14
PERGE	14
A ESTRATÉGIA EVANGELÍSTICA DE PAULO	14
ANTIOQUIA DA PSÍDIA	14
A QUESTÃO LEGAL	15
LISTRA E O RETORNO	15
A CONTROVÉRSIA JUDAIZANTE	15
O CONCÍLIO DE JERUSALÉM.....	16
A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO	16
SILAS	16
TIMÓTEO	16
FILIPPOS.....	16
O CARCEREIRO	17
TESSALÔNICA, BEREIA, ATENAS	17
CORINTO	17
GÁLIO	17
A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO.....	18
APOLO	18
ÉFESO	18
AGITAÇÃO POPULAR.....	19
A VIAGEM A JERUSALÉM	19
A PRISÃO DE PAULO EM JERUSALÉM	19
A CIDADANIA ROMANA DE PAULO	20
PERANTE FÉLIX	21
PERANTE FÉLIX E DRUSILA	21
PERANTE FESTO	22
PERANTE FESTO E HERODES AGRIPA II.....	22
A VIAGEM DE PAULO PARA ROMA	23
EM ROMA.....	23
CONCLUSÃO	24

ATOS DOS APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

O livro Atos dos Apóstolos é a única história da igreja cristã escrita antes do século III. Esse fato isolado já seria suficiente para que se reconhecesse universalmente o valor deste livro. Apesar de só conter aproximadamente 30 anos do primeiro século do movimento cristão (33–63 d.C.), sem ele não haveria qualquer registro histórico do desenvolvimento e propagação do Cristianismo pelo mundo. Sem ele não saberíamos do derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, do martírio de Estêvão, da vida da igreja primitiva em Jerusalém, e de que maneira o evangelho chegou aos samaritanos e gentios. Teríamos pouquíssimo conhecimento da vida e das viagens missionárias de Paulo em que pudéssemos nos basear, para entender as cartas e a teologia do apóstolo.

Atos se concentra especialmente nos feitos de dois apóstolos: metade do volume às atividades de Paulo e um terço às atividades de Pedro. Mais ou menos um sexto do livro fala de outros líderes cristãos primitivos de menor envergadura.

O AUTOR

Não se sabe quase nada a respeito de Lucas. Com base em Cl. 4.1-14 ele era um gentio (não da circuncisão), pois não está relacionado entre os cooperadores judeus de Paulo. Seu nome no grego é *Loukás*, forma abreviada de *Loukios* (Lúcio), que significa “iluminador”. A origem latina do nome *Lucas* é uma contração de *Lucanus*, uma alusão à Lucânia, distrito do Sul da Itália. Lucas é o único escritor sagrado da Bíblia que não era judeu. No prólogo de seu evangelho vemos que ele não foi um seguidor de Cristo desde o início. Há especulações que ele pode ter sido o “homem da Macedônia” que apareceu a Paulo numa visão (At. 16.9). Isso é improvável, porque (1) ele usa a primeira pessoa do plural “nós”, ao narrar a partida de Trôade para a Macedônia; (2) o homem da Macedônia clamara do outro lado do Estreito de Dardanelos “passa à Macedônia”.

Com base nos paralelos teológicos entre Atos e outros documentos romanos, alguns propõe que Lucas veio de Roma, porém a tradição cristã mais antiga e aceita associa Lucas a Antioquia da Síria.

De seus escritos se deduz que Lucas era um grego com boa formação cultural, bem educado e grande historiador. As descobertas arqueológicas até aqui confirmaram todas as suas informações. Ele contribuiu mais do que qualquer outro autor para a coletânea de todo NT (aproximadamente 25%), e por isso tem exercido poderosa influência no mundo através dos séculos. De acordo com a tradição cristã, Lucas morreu na Boécia, cidade localizada na região central da Grécia, aos 84 anos de idade.

A AUTORIA

De acordo com a opinião unânime da Igreja primitiva, Lucas foi o autor do livro de Atos (Cânon Muratoriano, Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Jerônimo e Eusébio),

considerado desde sempre uma sequência do evangelho de Lucas. As evidências internas do livro confirmam a autoria lucana. O livro tem início com uma dedicatória a Teófilo, tal como o evangelho de Lucas. O vocabulário e o estilo são extremamente parecidos em ambos os livros. O uso de termos médicos concorda com o fato que Lucas era médico (Cl. 4.14). Fazendo uso do pronome “nós” ao descrever diversas das jornadas de Paulo, o autor dá a entender que era um dos companheiros de viagem do apóstolo. Outros companheiros de viagem não se ajustam aos informes do texto. Por exemplo, Timóteo e vários outros são mencionados à parte do “nós” e “nos” em Atos 20.4-6. De acordo com as epístolas de Paulo, nem Tito nem Silas o acompanharam até Roma nem foram visitá-lo, e a narrativa de sua viagem a Roma é uma daquelas seções onde aparece o pronome “nós”. Por meio desses processos de eliminação, Lucas é o único candidato provável para a autoria do livro de Atos.

ESTILO LITERÁRIO

O livro de Atos, juntamente com o Evangelho de Lucas e a Carta aos Hebreus, contém a redação grega mais culta de todo Novo Testamento. Por outra parte, onde Lucas aparentemente seguia fontes informativas semíticas, o estilo grego às vezes é áspero. Alguns eruditos têm afirmado que os discursos e sermões constantes em Atos são criações literárias improvisadas pelo próprio Lucas, a fim de dar base sólida para suas narrativas.

Embora Lucas não tenha transmitido necessariamente palavra por palavra os discursos e sermões que historiou, sem dúvida nos dá o ponto central do que fora dito. Isso é comprovado pelo paralelismo de expressões entre os sermões de Pedro, no livro de Atos, e a primeira carta de Pedro, ou entre os sermões de Paulo, no livro de Atos, e suas epístolas. Esses paralelismos dificilmente poderiam ter ocorrido por acidente, além de não haver outra evidência que nos indique que Lucas imitara ou usara em qualquer outro sentido as epístolas dos apóstolos, ou vice-versa, que Paulo e Pedro imitaram o livro de Atos ao escreverem suas respectivas cartas. A única explicação adequada é que Lucas não compôs ele mesmo os discursos e sermões que registrou, mas sumariou seu conteúdo com exatidão, de tal modo que a fraseologia característica de Pedro e de Paulo se evidencia nos relatos de Lucas, tanto quanto nas epístolas daqueles apóstolos.

FONTES

Quanto ao material histórico de Atos, Lucas se valeu de suas próprias memórias. Provavelmente ele foi registrando os acontecimentos em um diário conforme se desenrolavam. Acrescente-se a isso informações da parte de Paulo, dos cristãos de Jerusalém, de Antioquia da Síria e de outros companheiros de jornada (Silas, Timóteo, Filipe, o diácono evangelista, e um discípulo de nome Mnasom (At. 21.8,16). Também estavam à sua disposição informes escritos, como o decreto do Concílio de Jerusalém (At. 15), e provavelmente documentos em aramaico e hebraico relatando os primeiros eventos do Cristianismo em Jerusalém e circunvizinhanças.

EXATIDÃO HISTÓRICA

As descobertas arqueológicas têm confirmado a exatidão histórica de Lucas de maneira surpreendente. Por exemplo, sabe-se atualmente que o uso que Lucas fez dos títulos de vários

escalões de oficiais locais e governamentais de províncias — procuradores, cônsules, pretores e outros — mostra-se acuradamente correto, correspondendo às ocasiões e lugares sobre os quais Lucas estava escrevendo.

A veracidade histórica de Lucas também se vê na maneira como ele deixa claras as diferenças entre a comunidade primitiva dos crentes de Jerusalém e as igrejas gentílicas fundadas posteriormente por Paulo. Os cristãos mais antigos, judeus que acreditavam que Jesus era o Messias prometido e que a era messiânica havia chegado, continuaram a adorar no templo e aparentemente eram leais à lei e às suas instituições. Somente aos poucos foi que a igreja se distanciou dessa inclinação judaica, indo na direção de uma orientação mais universal, à medida em que Deus deixou claro que estava fazendo uma obra nova na qual a lei já não tem mais o papel central e onde os gentios, da mesma forma que os judeus, participam das bênçãos de Deus.

FINAL E DATA

A maneira abrupta como termina o livro de Atos chega a ser surpreendente. Lucas descortina a história de Paulo até o ponto em que o apóstolo, aprisionado em Roma, já esperava por dois anos para ser julgado na presença de César, e assim o livro se encerra. O que teria acontecido com Paulo? Teria comparecido diante de César? Em caso positivo, teria sido condenado ou absolvido? Foi martirizado? Foi solto? Lucas não informa. Muitas sugestões têm sido oferecidas para explicar esse fim repentino. É possível que Lucas pretendesse escrever um terceiro volume, no qual teríamos as respostas para essas indagações. No entanto, o seu primeiro volume, o Evangelho de Lucas, termina com um senso de história terminada, embora sem dúvida ele também tencionasse escrever o livro Atos. Uma catástrofe pessoal pode ter impedido Lucas de concluir o livro. Ou talvez Lucas tivesse conseguido cumprir o seu propósito, isto é, mostrar o progresso do Cristianismo a partir de Jerusalém, lugar de sua origem, até Roma, a capital do império. Contudo, permanece de pé o problema de entender por qual razão Lucas não registrou o que aconteceu com Paulo, a personagem dominante em Atos 13—28.

A melhor solução é aceitar que Lucas escreveu sobre os eventos até onde eles aconteceram, ou seja, ao tempo em que ele escreveu Paulo continuava esperando julgamento. Seria irrelevante Lucas provar a inocência política do Cristianismo, se porventura estivesse escrevendo depois que o imperador Nero se voltara contra os cristãos (64 d.C.), pois seria tarde demais para apelar e obter decisões favoráveis da parte dos oficiais governamentais subalternos. Por conseguinte, Lucas escreveu o livro de Atos quando Paulo já se encontrava em Roma há dois anos (cerca de 61 d.C.). O próprio final abrupto do livro de Atos sugere que a tarefa da evangelização mundial estava incompleta. O que a Igreja primitiva começou compete a nós terminar.

PROPÓSITOS (Cap. 1)

“*O primeiro livro*” (1.1) é o Evangelho de Lucas. Teófilo deve ter sido o patrocinador financeiro das duas obras. O propósito do evangelho de Lucas foi narrar a vida de Jesus com ênfase sobre a sua certeza histórica. Já o propósito central do livro de Atos foi traçar o triunfal progresso do evangelho de Jerusalém até Roma. Assim sendo, Atos é uma história seletiva da

Igreja primitiva. Por exemplo, Lucas não escreveu nada sobre a propagação do Cristianismo até o Egito e o Oriente, mas podemos ler reiteradas afirmativas que sumariam o sucesso do evangelho por onde quer que os cristãos o proclamassem: *“Crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos”* (At. 6.7; 9.31; 12.24; 16.5; 19.20; 28.30-31). Por trás desse sucesso havia a atividade do Espírito Santo, a Quem Lucas repetidamente dá o crédito. O propósito geral de Lucas-Atos é fazer a exposição dos primórdios do Cristianismo, da vida de Jesus e de sua expansão dentro da história da Igreja primitiva, a fim de convencer seus leitores sobre o avanço irresistível do evangelho, mostrando que Deus, mediante Seu Espírito Santo, verdadeiramente está operando na história da humanidade, visando a redenção de todos os homens.

Um propósito secundário do livro de Atos é demonstrar que o Cristianismo merece contínua liberdade, visto ter-se derivado do Judaísmo, que tinha direitos legais, e também por não ser politicamente desleal a Roma. Por conseguinte, com frequência Lucas cita juízos favoráveis ao Cristianismo e seus proponentes, por vários tipos de oficiais locais e provinciais do governo. Essa apologética se fazia necessária, porque o Cristianismo começou com a desvantagem do fato que seu fundador morrera como criminoso condenado sob um governador romano. Acresça-se a isso, que por onde quer que o Cristianismo fosse chegando estouravam perturbações da ordem, mas em seu evangelho, Lucas já havia demonstrado que tanto Pilatos quanto Herodes Antipas haviam pronunciado a inocência de Jesus, e que foi a pressão exercida pela turba que originou a falha da justiça. No livro de Atos, igualmente Lucas prova que as perturbações por causa do Cristianismo se tinham originado devido à violência das multidões e a acusações falsas, frequentemente lançadas pelos judeus, e não por causa de quaisquer transgressões praticadas pelos cristãos propriamente ditos. Dessa maneira Lucas esperava poder dissipar os preconceitos contra o Cristianismo, conquistando a simpatia de pessoas como Teófilo, cujo título *“excelentíssimo”* (Lc. 1.3), indica que ele ocupava posição aristocrática e de influência política.

ESPERANDO PELO ESPÍRITO SANTO (1.6-8)

A instrução baixada por Jesus, para que Seus discípulos esperassem a vinda do Espírito Santo (1.4), estava vinculada à promessa anteriormente feita por Ele mesmo e por João Batista, que concederia o Espírito Santo a todos os discípulos, e apontava para o futuro cumprimento dessa promessa, o que se deu no dia de Pentecostes. Não há mais necessidade de espera, mas tão somente de nos apropriarmos do dom que já foi dado. Os discípulos estavam curiosos por saber se o reino seria restaurado a Israel, ou seja, se o reino messiânico sobre a terra, com Israel em posição favorecida, seria prontamente inaugurado. Pensavam eles nessa possibilidade porque o Antigo Testamento associava o derramamento do Espírito de Deus a esse tempo (Is. 44.3; Ez. 36.24-27 e 39.29; Jl. 2.28-29 em seus contextos maiores). Com efeito, Jesus respondeu que os Seus discípulos não deveriam desperdiçar energias indagando quando essas coisas teriam lugar, mas lhes competia evangelizar o mundo.

A GRANDE COMISSÃO (1.8)

Atos 1.8 é um versículo chave: *“mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos*

confins da terra". Na verdade, esse versículo contém um esboço geral do livro de Atos: (1) nos capítulos 1—7 o evangelho se espalha por Jerusalém e Judeia; (2) nos capítulos 8—12, pela Samaria e outras regiões próximas; e nos capítulos 13—28 pelas terras distantes, através dos esforços missionários de Paulo. Pedro foi a figura dominante na evangelização inicial entre os judeus, nos capítulos 1—12. Paulo foi a personagem de maior destaque na evangelização dos gentios nos capítulos 13—28.

A ASCENSÃO (1.9-11)

Em sua narrativa da ascensão de Cristo, Lucas pode ter querido dizer que os dois homens que predisseram o retorno de Jesus devem ser considerados anjos com aparência humana. A nuvem na qual Jesus ascendeu representa a presença de Deus Pai, tal como aconteceu quando do batismo e da transfiguração de Cristo, e tal como sucederá quando da Segunda Vinda. A ascensão de Jesus deve ter surpreendido os discípulos, que esperavam a imediata inauguração do reino messiânico na terra.

A ESCOLHA DE MATIAS (1.15-26)

Tem sido motivo de debates se a escolha de Matias, mediante o lançamento de sorte, para substituir Judas, teria sido uma providência equivocada, pelo fato que mais tarde Deus escolheu Saulo de Tarso. De maneira certa ou errada, o fato é que os discípulos eram da opinião que o número de seu grupo, doze, não deveria permanecer incompleto, porquanto esse grupo representava o novel povo de Deus, que estava tomando o lugar das doze tribos de Israel. Levanta-se igualmente a questão se o método da escolha de Matias não seria errado, mas os discípulos tinham a intenção que o uso de sortes indicaria a vontade do Senhor e não a deles mesmos.

O DIA DE PENTECOSTES (2-14)

O Pentecostes, após a ascensão de Jesus, assinala a data do nascimento da Igreja. O ruído semelhante ao do vento, quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos, representa o fato que a palavra grega utilizada *pnoé* significa "vento" (At. 2.2 e 17.25). As chamas em forma de línguas por cima das cabeças dos discípulos, simbolizaram a capacidade de falar miraculosamente, em idiomas que não haviam aprendido, em reversão da "confusão das línguas" por ocasião da construção Torre de Babel. Os peregrinos não residentes na Palestina, tanto judeus quanto prosélitos gentios, reconheceram admirados que estavam sendo falados os idiomas de suas próprias terras de origem. Todavia, os palestinos não as entendiam, e assim acusaram os cristãos de estarem embriagados.

O SERMÃO DE PEDRO (2.15-41)

O fluxo da argumentação do sermão de Pedro, no dia de Pentecostes é que os judeus haviam tirado a vida de Jesus, mas que Deus O ressuscitara dentre os mortos e O exaltara até à Sua própria mão direita. O derramamento do Espírito comprovava a exaltação de Jesus. O miraculoso "falar em línguas" (idiomas estrangeiros) comprovava, por sua vez, o derramamento do Espírito Santo, portanto eles deveriam se arrepender e ser batizados. Embora Pedro

houvesse citado a profecia de Joel, como predição ali cumprida, tal cumprimento teve a ver somente com porção referente à outorga do Espírito, pois a salvação seria dada a quantos invocassem o nome do Senhor. Os fenômenos celestes, preditos por Joel, aguardam cumprimento para quando do retorno do Senhor Jesus. O fraseado de Atos 2.38 — “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados” — parece dar a entender que o batismo em água seja necessário para que se receba o perdão de pecados. Mas visto que muitas outras passagens requerem tão somente o arrependimento e a fé em Jesus Cristo, é melhor considerarmos o batismo como a maneira usual de demonstrar o arrependimento e a fé.

A VIDA COMUNITÁRIA (4.32—5.42)

Chamar de “comunismo cristão” a participação comum nos bens praticada na igreja primitiva não é uma designação feliz. O comunismo de nossos dias é ateu e coercitivo, e em Jerusalém se compartilhava das coisas por motivo de devoção a Deus, tratando-se de uma atitude inteiramente espontânea, que jamais teve por intuito tornar-se uma instituição permanente. Foi uma medida meramente temporária, que permitiu aos convertidos chegados de outras regiões, para participarem da festa do Pentecostes em Jerusalém, ficarem ali por mais tempo do que lhes seria possível, para receberem maiores instruções acerca de sua recente fé cristã.

ANANIAS E SAFIRA (5.1-10)

Barnabé, que vendera um campo e doara todo o dinheiro obtido com a venda, aparece na narrativa como exemplo contrastante a Ananias e Safira, os quais similarmente venderam um campo, mas hipocritamente mentiram sobre o valor total, porque tinham retido para si uma parte do dinheiro. A morte de Ananias e Safira parecer-nos muito dura, ou pelo menos, incomum. Porém, como no começo da história de Israel, Deus fez morrerem os sacerdotes desobedientes, Nadabe e Abiú (Lv. 10). Assim também, nos primórdios da História Igreja, Deus puniu Ananias e Safira com a morte. Nas duas oportunidades Deus estava demonstrando Seu profundo interesse pela pureza fundamental de Seu povo. Hoje devemos interpretar o fato que Deus não aplica essa espécie de punição como um sinal de Sua graça, e não como indicação que Ele tolera o pecado na igreja.

OS SETE DIÁCONOS (6.1—6)

Os helenistas eram judeus que haviam adotado o estilo grego de viver. Os hebreus, por sua parte, eram judeus que tinham preferido reter a maneira tipicamente judaica de vida. Quando os cristãos judeus helenistas se queixaram que suas viúvas estavam sendo negligenciadas na distribuição diária de alimentos, os cristãos hebreus graciosamente escolheram homens helenistas — o que é demonstrado por seus nomes gregos — para supervisionarem essa distribuição. O posterior ofício eclesiástico dos diáconos (servos, ajudadores) que tem a ver com as questões materiais seculares da vida das igrejas, sobretudo a ministração de atos caridosos, desenvolveu-se a partir dessa situação.

O SERMÃO DE ESTÊVÃO (7.1—53)

Estêvão não limitou seu ministério às questões materiais. A acusação levada contra ele deixa entrever que ele ensinava que a obra redentora de Cristo tornara obsoletos o templo e seu cerimonial (talvez ele tenha sido o primeiro cristão a dizer isso). Seu sermão passou em revista a história de Israel, com destaque bem claro sobre o fato que, tal como os antepassados dos israelitas tinham repellido, por reiteradas vezes, os mensageiros de Deus, nos dias do Antigo Testamento, assim também agora eles haviam rejeitado seu supremo mensageiro, Jesus Cristo, o Justo. Aquele sermão também frisa a natureza progressiva da revelação divina — Deus revela-se a Si mesmo em diferentes lugares e em grande variedade de modos — razão pela qual os judeus incorriam em erro ao considerarem o templo como a totalidade e a finalidade da verdadeira religião.

O MARTÍRIO DE ESTÊVÃO (7.54—60)

Segundo a narrativa do julgamento de Jesus, aos romanos estava reservado o direito de executar a pena capital. Todavia, os governadores romanos passavam a maior parte do tempo em Cesareia, no litoral do Mar Mediterrâneo. O apedrejamento de Estêvão, portanto, pode ter sido uma ação ilegal, efetuada por uma multidão de linchadores, ou pode ter sido uma execução formal decretada pelo Sinédrio, que assim ultrapassou os limites de sua autoridade, em face da ausência de Pilatos. O método de apedrejamento consistia, antes de tudo, de solicitar do condenado que fizesse uma confissão de sua culpa, a fim de poder “compartilhar do mundo vindouro”. Então ele era desnudado. Uma testemunha de acusação empurrava a vítima, com o rosto voltado para baixo, do alto de uma plataforma ou beirada com cerca de duas vezes a altura de um homem, para que se estatelasse no chão abaixo. Então a vítima era virada de rosto para cima. Se não tivesse morrido por ação da queda, uma segunda testemunha jogava uma pedra em seu peito. Se depois disso ainda não tivesse ocorrido a morte, outras pessoas se ajuntavam ao apedrejamento. Quando Estêvão estava sendo apedrejado, já moribundo viu Jesus, de pé à direita de Deus Pai, esperando para recepcioná-lo.

O martírio de Estêvão foi o estopim de uma perseguição geral contra os cristãos, por parte de judeus incrédulos. À frente dessa perseguição achava-se Saulo, natural de Tarso, cidade importante da Ásia Menor.

FILIFE EM SAMARIA (8.5—8)

A dispersão dos cristãos, por causa da perseguição, resultou num evangelismo generalizado, conforme se vê no caso de Filipe, em Samaria. Filipe era outro diácono pregador como Estêvão.

SIMÃO, O MAGO (8.9-24)

A professada conversão de Simão, o mágico, provavelmente não era real, pois ele desejava reter sua influência lucrativa sobre o povo, comprando a dinheiro a capacidade de outorgar o Espírito Santo, a fim de que ele mesmo pudesse exigir pagamento para assim fazer. Uma antiga tradição cristã atribui a Simão Magus, conforme ele era chamado, o início do movimento gnóstico dentro da igreja cristã.

OS SAMARITANOS RECEBEM O ESPÍRITO SANTO (8.14-17)

O Espírito Santo não desceu sobre os crentes samaritanos enquanto Pedro e João não oraram e impuseram as mãos sobre eles. As antigas antipatias estavam se dissipando no meio da comunidade cristã. O adiamento da dádiva do Espírito Santo permitiu aos representantes apostólicos do grupo cristão, predominantemente judaico, averiguar por si mesmos que Deus havia aceito os samaritanos, o que ficou demonstrado pelo fato que eles receberam o Espírito Santo na presença dos apóstolos.

O EUNUCO ETÍOPE (8.26-40)

O episódio que envolveu o eunuco etíope prefigurou as missões de Paulo entre os gentios. O eunuco estivera presente em alguma das festividades religiosas dos judeus, em Jerusalém, podendo-se concluir que no mínimo ele era um homem temente a Deus, embora não fosse um prosélito declarado. Aos eunucos eram vedados os privilégios religiosos no Judaísmo (Dt. 23.1), mas essa disposição pode ter sido abandonada (comparar com Is. 56.3ss), ou a palavra “eunuco” no livro de Atos seria apenas um título oficial e não uma descrição literal. Era costume que viajantes solitários, como Filipe, se juntassem a alguma caravana. Ler em voz alta, como estava fazendo o eunuco, era um costume dos tempos antigos, mesmo nos estudos particulares.

A CONVERSÃO DE PAULO (9.1-31)

O relato nos leva de volta à perseguição de Saulo contra “O Caminho”, o primeiro nome dado ao movimento cristão, por causa de sua forma distintiva de fé e conduta. Em continuação à conversão de Saulo, quando Jesus disse: “*Saulo, Saulo, por que me persegues?*”, deixou entendida a união entre Ele no céu e Seus perseguidos discípulos na terra. A união de Cristo com o crente veio a tornar-se parte vital do ensino teológico de Paulo. De conformidade com At. 9.7, os acompanhantes de Paulo ouviram a voz de Jesus, mas não entenderam o que ele dissera (At. 22.9), o que se deduz pela construção grega do texto.

AS PRIMEIRAS PREGAÇÕES DE PAULO (9.20-28)

À conversão de Paulo seguiu-se uma missão de pregação em Damasco e pela região árabe circunvizinha (Gl. 1.15-18). Alguns têm conjecturado que a permanência na Arábia incluiu um período de meditação, durante o qual Paulo teria recebido revelações divinas, mas os textos bíblicos não indicam tal coisa. Mais tarde, Barnabé apresentou Paulo à igreja de Jerusalém. O trecho de Gálatas 1.22 esclarece, entretanto, que Paulo continuou sendo um desconhecido de rosto por toda a grande área judaica em volta de Jerusalém.

A FORMAÇÃO DE PAULO

Paulo significa “pequeno” e se relaciona ao apelido “pequerrucho” como ele era chamado por seus pais. O livro apócrifo ‘*Atos de Paulo e Tecla*’ traz a seguinte descrição do apóstolo: “*Paulo se aproximava, um homem de baixa estatura, quase calvo, pernas tortas, de corpo*

volumoso, sombrancelhas unidas...” Saulo e Paulo não eram nomes pré e pós-conversão, respectivamente. Saulo era o nome hebraico, e Paulo o nome romano de som similar, um sobrenome romano da família, que às vezes era adotado como nome próprio. Paulo nasceu em Tarso, cidade importante ao sul da Ásia Menor e era cidadão romano. Como seu pai obtivera a cidadania romana — se ela foi adquirida a dinheiro, por causa de algum serviço prestado ao estado, ou por outro meio qualquer — não sabemos, porém a cidadania romana conferia privilégios e uma proteção que serviram muito bem a Paulo durante seus empreendimentos missionários. O pai de Paulo fora um fariseu (At. 23.6) que criara seu filho segundo o Judaísmo mais estrito (Fp. 3.5-6). Paulo passou a maior parte de sua juventude em Jerusalém, onde estudou com o famoso rabino Gamaliel (At. 22.3). Não temos informação se Paulo chegou alguma vez a encontrar-se com Jesus, ou se fora casado. Ele jamais mencionou uma esposa em suas epístolas, porém visto que o celibato era extremamente raro entre os judeus, podemos inferir que ele fora casado e depois ficou viúvo.

OS MILAGRES E A VISÃO DE PEDRO (9.32–11.18)

O propósito de Lucas, ao narrar a cura miraculosa de Eneias e a ressurreição de Tabita (ou Dorcas) pelo ministério de Pedro, foi comprovar que Deus estava com ele durante o período que o apóstolo pregava aos gentios e os acolhia como participantes da Igreja, atitudes que os judeus cristãos de visão estreita censuraram. O fato de Pedro se hospedar na casa de Simão, o curtidor, mostra que ele já se despira de alguns preconceitos tipicamente judaicos, porquanto os curtidores eram tidos por cerimonialmente imundos, devido seu contínuo contato com animais mortos, razão pela qual sua companhia devia ser evitada. Não obstante, foi necessária uma visão para que Pedro se deixasse convencer de que era permitido o contato com os gentios. Ele viu um lençol, talvez sugerido por um toldo debaixo do qual Pedro dormia a sesta ao meio-dia, no pátio formado pelo telhado plano. Esse lençol estava repleto de criaturas cerimonialmente imundas. E então houve a ordem de Deus para que Pedro as matasse e comesse, indicando que as restrições dietéticas de Moisés, e todas as demais restrições cerimoniais mosaicas, agora estavam obsoletas. Finalmente convencido, Pedro foi pregar aos gentios, na casa de Cornélio, centurião romano e homem temente a Deus.

A SALVAÇÃO DOS GENTIOS NA CASA DE CORNÉLIO (Cap. 10)

Para os ouvintes gentios, esse sermão faz soar a nota da universalidade: *“todo o que nele crê”* — o evangelho não se destina somente a judeus; é para todos! Em contraste com o que aconteceu em Samaria, um apóstolo estava presente como testemunha. Por causa disso Deus concedeu imediatamente o Espírito Santo aos gentios, assim que foi exercida a fé, antes mesmo que Pedro terminasse a sua pregação, e antes do batismo ou da imposição das mãos terem sido ministrados. Dessa maneira Deus demonstrou que aceitava na Igreja crentes gentios, nas mesmas condições que aceitara os judeus e os samaritanos. Posteriormente, Pedro foi capaz de usar esse ato de Deus em sua própria defesa contra os judeus exclusivistas em Jerusalém, que o criticaram porque ele tivera contato pessoal com gentios. O incidente na casa de Cornélio foi o marco inicial da separação entre o Cristianismo e o Judaísmo.

ATÉ ANTIOQUIA DA SÍRIA (11.19-12.25)

A partir daí, Lucas narra a propagação do evangelho de Jerusalém até Antioquia da Síria. Ele demonstra como Paulo se associou àquela igreja, que depois se tornou a base de operações das viagens missionárias do apóstolo, criando o elo entre as igrejas de Antioquia e Jerusalém. Jerusalém demonstrou interesse por Antioquia ao enviar-lhe Barnabé; e Antioquia preocupou-se com o bem estar de Jerusalém enviando-lhe doações no período da escassez. O apelido “cristãos” foi aplicado aos crentes pela primeira vez em Antioquia, e era um termo pejorativo. Isso também ilustra o fato que gradualmente a Igreja estava sendo reconhecida como algo mais que uma seita judaica — o Cristianismo era um movimento distinto do Judaísmo. Mediante sua conduta diária santa e graciosa, os cristãos foram transformando esse termo num referencial de respeito e admiração.

PERSEGUIÇÃO POR HERODES AGRIPA (11.27-30)

O Herodes que figura nessa passagem foi Herodes Agripa I, neto de Herodes o Grande. Fingindo-se defensor máximo do Judaísmo, ele martirizou Tiago, apóstolo e irmão de João, além de encarcerar Pedro. O historiador judeu Josefo confirma a narrativa lucana sobre a morte de Herodes Agripa, como uma enfermidade que, por sua descrição, muito se assemelha ao câncer dos intestinos. A morte de Herodes Agripa ocorreu em cerca de 44 d.C., pelo que o relato representa um retrocesso cronológico em relação à visita que visava aliviar a fome (cerca de 46 d.C.).

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO

Atos 13 dá início à narrativa dos extensos empreendimentos missionários de Paulo. Escritor habilidoso, Lucas introduziu seus leitores na descrição da propagação do evangelho mediante o sermão de Estêvão aos judeus helenistas de Jerusalém, que inflamou a perseguição causando a dispersão dos cristãos, o que resultou na expansão do testemunho cristão: a evangelização de Samaria e a conversão do etíope eunuco por Filipe, a pregação de Paulo em Damasco e aos helenistas de Jerusalém, a missão de Pedro em Lida, Jope e Cesareia, na última das quais ele foi o agente da conversão de uma família de gentios, e a propagação do Cristianismo até Antioquia da Síria.

Além disso, Lucas já havia apresentado Barnabé e Paulo como colegas, pois Barnabé apresentou Paulo para a Igreja de Jerusalém, ambos ministraram em Antioquia, e viajaram juntos levando alimentos da igreja de Antioquia para a Igreja de Jerusalém. O sucesso da propagação do evangelho preparou o cenário para as viagens missionárias evangelísticas internacionais de Paulo.

ANTIOQUIA DA SÍRIA

Lucas atribui o envio de Barnabé e Saulo ao Espírito Santo, o qual impulsionara a igreja de Antioquia a enviá-los. A imposição de mãos não serviu de consagração, pois Barnabé e Saulo já estavam pregando há algum tempo, mas foi uma indicação de que a igreja sustentava a missão deles.

CHIPRE, ELIMAS E SÉRGIO PAULO

Era natural que Barnabé e Paulo se dirigissem primeiramente à Ilha de Chipre, por ser a terra natal de Barnabé. Paulo tomou a iniciativa quando o mágico judeu Elimas (Bar-Jesus) procurou influenciar o procônsul romano Sérgio Paulo, para que este se afastasse do evangelho. Sem dúvida porque o mágico entendeu que seus serviços não mais seriam solicitados, se Sérgio Paulo se convertesse ao Cristianismo. A partir deste ponto da narrativa, Lucas passa a registrar o nome de Paulo antes de Barnabé. A única exceção ocorre no contexto que envolve Jerusalém (At. 15.12), onde Lucas retrocede à forma anterior “Barnabé e Paulo”, porque na mente dos cristãos de Jerusalém, Barnabé continuava sendo o cristão de mais experiência e pai espiritual de Paulo. Lucas aplica a Saulo o nome “Paulo”, pela primeira vez, em Atos 13.9. Como sua missão era entre os gentios, tornou mais apropriado o uso de seu nome grego.

PERGE

A caminho de Perge, na Panfília, João Marcos, primo de Barnabé e assessor tanto deste quanto de Paulo, resolveu voltar para Jerusalém e não sabemos por quê. As sugestões vão desde saudades de casa até o temor dos possíveis percalços da viagem. Paulo não entendeu que houvesse um motivo justo, e mais tarde, quando preparava a segunda viagem missionária, não permitiu que João Marcos fosse com eles. Os missionários se desentenderam, Paulo e Silas foram para Listra e Barnabé levou João Marcos consigo para Chipre.

A ESTRATÉGIA EVANGELÍSTICA DE PAULO

Paulo adotou a estratégia de pregar nas principais cidades. Partindo desses epicentros, o evangelho ecoava por todas as aldeias e circunvizinhanças. Paulo seguiu o padrão de pregar primeiro nas sinagogas judaicas. Ele mantinha profundo interesse por seus compatriotas judeus, pois entendia que na qualidade de povo escolhido do antigo pacto, cabia-lhes o direito de receber o evangelho em primeiro lugar, e as sinagogas eram os melhores lugares para alguém encontrar uma audiência preparada. Era costume das sinagogas convidar visitantes qualificados, como era o caso de Paulo, para que usassem a palavra.

Ademais, nas sinagogas havia sempre grande número de prosélitos e homens piedosos gentios, além dos judeus. Paulo usualmente obtinha grande êxito entre esses gentios, porquanto o interesse deles pelo Judaísmo os havia preparado para ouvir sua mensagem. Os judeus incrédulos consideravam Paulo um intruso, que procurava seduzir os gentios a fim de que passassem do Judaísmo para o Cristianismo, oferecendo-lhes a salvação sob condições mais suaves do que a observância da lei de Moisés.

ANTIOQUIA DA PSÍDIA

O sermão de Paulo na sinagoga de Antioquia da Psídia passou em revista a história de Israel, com o intuito de proclamar as boas novas de que a história e a profecia do Antigo Testamento tinham se cumprido em Jesus Cristo. O apóstolo Paulo ensinava a justificação mediante a fé em Cristo, à parte da obediência meritória à legislação mosaica. Essa é uma das teses familiares de suas epístolas. E assim, quando os judeus daquela cidade retornaram à sua

sinagoga, no sábado seguinte, encontraram multidões de gentios que ocupavam seus assentos e que aguardavam ansiosamente que Paulo lhes dirigisse outro sermão. Indignados, os judeus instigaram a perseguição, e Paulo e Barnabé precisaram sair dali rapidamente, após terem ministrado aos gentios. Essa sequência se tornou habitual: pregação nas sinagogas — sucesso entre os prosélitos e homens piedosos gentios — hostilidades por parte dos judeus — retirada da sinagoga — posterior ministério bem sucedido entre os gentios — perseguição — fuga.

A QUESTÃO LEGAL

A perseguição quase sempre partia de fontes judaicas, e não romanas, pelo menos durante aquele período inicial, porque o governo romano continuava entendendo o Cristianismo como um ramo lateral do Judaísmo, portanto como uma nova religião. A norma política de Roma era conceder liberdade a todas as religiões existentes no império, mas interditar novas religiões, por temer agitações sociais provocadas por invasões religiosas. Posteriormente, quando os romanos perceberam que o Cristianismo era distinto do Judaísmo, interditaram o Cristianismo como religião ilícita.

LISTRA E O RETORNO

Os habitantes de Listra confundiram Barnabé e Paulo com as divindades gregas Zeus e Hermes, respectivamente. Quando eles se recusaram a receber adoração, a turba passou a apedrejá-los e por pouco escaparam da morte. Na viagem de retorno, passando por Listra, Icônio e Antioquia da Psídia, eles evitaram pregar publicamente, pois recentemente haviam sido expulsos daquelas cidades. Então ocuparam-se em fortalecer os crentes e organizar as igrejas locais, mediante a eleição de anciãos encarregados das mesmas. Essas igrejas locais foram organizadas conforme o modelo das sinagogas, que contavam com uma “junta de anciãos”. A caminho de volta, passando por Perge, Paulo e Barnabé pregaram ali, pois aparentemente a primeira visita tinha sido muito rápida.

A CONTROVÉRSIA JUDAIZANTE (CAP. 15)

No relatório que apresentaram à igreja pátria de Antioquia da Síria, Paulo e Barnabé ressaltaram a bem sucedida evangelização dos gentios. Muitas questões sobre a situação dos crentes gentílicos surgiram, provocando a convocação do Concílio de Jerusalém, conforme o relato do capítulo 15. Até este ponto, Lucas vinha exibindo o desdobramento do plano divino de entregar o evangelho tanto a gentios quanto a judeus. O capítulo 15 nos mostra como o problema dos crentes gentios provocou a separação da igreja cristã do Judaísmo, emergindo uma religião nova e separada, contra todos os esforços dos judaizantes.

Os judaizantes eram cristãos judeus e seus seguidores gentios, que ensinavam ser necessário aos cristãos cumprir a lei de Moisés e ser circuncidado, ou seja, os gentios deveriam entrar na Igreja do mesmo modo que os prosélitos eram acolhidos no Judaísmo. Paulo e Barnabé discordavam disso e a igreja de Antioquia levou o problema para apreciação da igreja de Jerusalém.

O CONCÍLIO DE JERUSALÉM

Com o apoio outorgado pelos líderes Pedro e Tiago, meio irmão de Jesus, o parecer da influente igreja mãe de Jerusalém favorecia a ideia da isenção dos crentes gentios quanto aos preceitos da lei mosaica, apesar de exortá-los a evitar as práticas que ofenderiam desnecessariamente os judeus: a ingestão de carne dedicada a algum ídolo; o consumo de carne de animais mortos por sufocação; comer o sangue do animal morto e, finalmente, a “fornicação”, ou seja, a imoralidade sexual de modo geral (prostituição, adultério, incesto etc.). A igreja de Jerusalém enviou dois de seu próprio meio, Barsabás e Silas, em companhia de Paulo e Barnabé, para confirmar aos cristãos de Antioquia da Síria que o resultado do concílio apresentado por Paulo e Barnabé era verdadeiro, ainda que favorecesse a posição deles.

A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO

A despeito de Paulo ter-se recusado levar João Marcos em sua companhia, e apesar do desentendimento e a separação de Paulo e Barnabé, mais tarde Marcos figura como um dos companheiros de Paulo em Roma (Cl. 4.10 e Fm. 24), tendo merecido um comentário favorável do apóstolo (IITm. 4.11).

SILAS

Silas, o companheiro selecionado por Paulo, era proveniente da igreja de Jerusalém. Era vantajoso para Paulo contar com alguém vindo dali, o qual pudesse refutar os judaizantes que se diziam representantes da igreja mãe. No relato acerca da prisão de Paulo e Silas em Filipos, chega-se a ter a impressão de que Silas também era cidadão romano.

TIMÓTEO

Em Listra, Paulo passou a contar com outro companheiro, Timóteo. Aos olhos dos gentios Timóteo era judeu, porque sua mãe o criara no Judaísmo. Aos olhos dos judeus, o fato que Timóteo era o filho incircunciso de um pai gentio, fazia dele um gentio. A fim de regularizar a situação de Timóteo, e para evitar escandalizar desnecessariamente os judeus, os quais desejava evangelizar, Paulo ordenou a circuncisão de Timóteo. Porém, para evitar a impressão de que o apóstolo estaria recuando diante da controvérsia judaizante, Lucas ressalta que Paulo entregava a decisão antijudaizante do Concílio de Jerusalém em todas as igrejas cristãs por onde passava.

FILIPPOS

Filipos pertencia ao primeiro distrito administrativo da Macedônia. Antônio e Otávio (mais tarde intitulado Augusto) fizeram fixar residência ali certo número de veteranos do exército romano, transformando a cidade numa colônia romana, após a vitória que obtiveram sobre Bruto e Cássio (42 a.C.) assassinos de Júlio César. Depois de ter derrotado Antônio e Cleópatra em Ácio (31 a.C.), Otávio assentou em Filipos um número maior ainda de colonos. Os judeus da cidade dispunham apenas de um lugar de oração à beira do rio, evidentemente porque eram poucas pessoas, menos de dez homens adultos que seriam necessários para que fosse estabelecida uma sinagoga.

A acusação dos proprietários da jovem pitonisa escorou-se em preconceitos antisemitas, ao ressaltar que Paulo e Silas eram judeus e ao asseverar, falsamente, que advogavam práticas contrárias às leis e aos costumes romanos, e por isso eles foram lançados no cárcere.

O CARCEREIRO

O carcereiro tinha a responsabilidade de apresentar seus prisioneiros em qualquer ocasião, sob pena de morte. Essa foi a razão de seu quase suicídio, ao imaginar que os prisioneiros haviam fugido durante o terremoto. Provavelmente, os supersticiosos prisioneiros ficaram assustados diante dos cânticos estranhamente jubilosos de Paulo e Silas no cárcere, que se seguiu ao terremoto, e assim puderam ser facilmente convencidos que não deveriam escapar. Era algo perfeitamente legítimo para o carcereiro manter Paulo e Silas em sua própria casa, contanto que os apresentasse quando fosse solicitado a fazê-lo.

Visto que uma das chamadas “seção nós” termina no final da narrativa sobre os acontecimentos em Filipos, mas é reiniciada no ponto em que narra o retorno de Paulo a Filipos, em data posterior, conclui-se que Lucas deve ter permanecido em Filipos, talvez como pastor ou evangelista.

TESSALÔNICA, BEREIA, ATENAS

Os judeus incrédulos de Tessalônica se mostraram especialmente hostis. Não somente expulsaram Paulo da cidade, mas viajaram até Bereia, a fim de repetir seus atos. Em Atenas, aqueles que ouviram os sermões de Paulo chegaram a pensar que “Jesus” e “ressurreição” fossem duas divindades, com as quais não estavam familiarizados. Paulo foi forçado a expor sua doutrina defronte ao Aerópago, o conselho da cidade de Atenas, que licenciava mestres. Alguns atenienses zombaram da ideia da ressurreição dos mortos. A mais reluzente esperança gregos era a imortalidade da alma, mas mesmo quanto a isso se mostravam em grande parte céticos. É duvidoso que eles se inclinassem por crer na ressurreição do corpo, porquanto para eles o corpo era um entrave para a alma. No entanto, segundo os conceitos bíblicos, Deus criou o corpo e a alma. Esses dois se completam — o que explica o caráter sagrado do corpo e sua ressurreição no porvir.

CORINTO

Corinto era uma cidade portuária famosa por sua devassidão. “Agir como um coríntio” era o mesmo que praticar imoralidade. “Moça de Corinto” equivalia a “meretriz, prostituta”. Contando com poucos recursos financeiros quando chegou em Corinto, Paulo pôs-se a fabricar tendas, em sociedade com os colegas judeus Áquila e Priscila. Visto que Lucas não menciona a conversão deles, sem dúvida já eram cristãos quando conheceram Paulo. Aproximadamente em 49 ou 50 d.C., o imperador Cláudio expulsou os judeus de Roma, devido a agitações na colônia judaica dali por causa de “Chrestus”, forma latina de Cristo.

GÁLIO

Em Corinto, a decisão de Gálio que permitiu a evangelização cristã se revestiu de tremenda importância. Decisões baixadas por magistrados civis só tinham legalidade onde

fossem decretadas. E uma decisão adversa do governador de uma província, como Gálio, teria proibido o testemunho cristão por toda província e, pior ainda, teria estabelecido um precedente que poderia ser seguido por outros governadores por todo o império romano. Os judeus tentaram persuadir Gálio que o Cristianismo era contrário ao Judaísmo, e portanto era uma religião nova, ilegal. Gálio recusou-se a tratar da questão, considerando-a como um caso típico de disputa interna do Judaísmo. Quando os judeus iam deixando o tribunal, um grupo de circunstantes tirou vantagem do pouco caso feito por Gálio aos judeus, espancando o chefe da sinagoga, Sóstenes, numa demonstração antisemita. Gálio com nada disso se importou. De acordo com uma inscrição latina encontrada em Delfos, na Grécia, o período em que Gálio serviu como procônsul foi mais ou menos de 51 a 53 d.C. Paulo rapou a cabeça em Ceneira, pouco antes de sua viagem de volta, a fim de assinalar o fim de um voto de nazireado (Nm. 6.1-21) que ao que parece ele impôs a si mesmo em Corinto.

A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO

O circuito da terceira viagem missionária de Paulo começou novamente em Antioquia da Síria. Exatamente como fizera na segunda viagem missionária, Paulo revisitou a Galácia e a Frígia, regiões onde estavam localizadas Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Psídia.

APOLO

A fim de preparar os leitores para o relato do ministério de Paulo em Éfeso, Lucas insere um parágrafo a respeito da pregação de Apolo em Éfeso (vide Atos 18:24-28). Esse eloquente judeu alexandrino pregava Jesus, mas conhecia apenas o batismo de João Batista, condicionado ao arrependimento. Noutras palavras, Apolo não batizava seus convertidos em nome de Jesus. Depois que Priscila e Áquila informaram-no melhor sobre a doutrina e a prática cristã, Apolo se dirigiu para Acaia (Grécia).

ÉFESO

Finalmente Paulo conseguiu cumprir seu antigo desejo de evangelizar a importante cidade de Éfeso. Ali ele conheceu alguns discípulos, que à semelhança de Apolo conheciam apenas o batismo de João, e não sabiam que Deus vinha outorgando o Espírito Santo a todos os crentes, desde o dia de Pentecostes. Tendo esclarecido mais detalhadamente o evangelho, Paulo rebatizou aqueles discípulos. Por Sua vez, Deus outorgou a Espírito Santo, fato evidenciado pelo falar em línguas. É digno de nota que as quatro ocasiões, no livro de Atos, em que o Espírito Santo foi concedido de maneira espetacular, teve a ver com a entrada de diferentes grupos na Igreja: os crentes judeus originais, os samaritanos, os gentios e os discípulos parcialmente instruídos de Éfeso. E Deus indicou a Sua aprovação a cada um desses grupos mediante a manifestação especial do Seu Espírito.

De conformidade com uma antiga tradição, Paulo se utilizava da escola de Tirano das onze horas da manhã às quatro horas da tarde. Talvez Paulo gastasse suas manhãs fabricando tendas, e as suas tardes ensinando pessoas suficientemente interessadas no evangelho a ponto de abrir mão de seu período de sesta do meio-dia.

O exorcista judeu Ceva era “sumo sacerdote” (19.14) somente por sua própria aclamação. Os judeus eram altamente considerados como exorcistas, porque se pensava que somente eles eram capazes de pronunciar corretamente o potente nome de Yahweh, e o sucesso na expulsão de demônios supostamente dependia, em larga escala, da correta pronúncia da fórmula apropriada. Os sete filhos de Ceva, aprendizes da arte do exorcismo, procuraram usar o nome de “Jesus”, mas descobriram que os resultados eram um tanto desconcertantes, pois o autêntico exorcismo cristão não depende da recitação de nomes mágicos. E quando os convertidos de Éfeso lançaram no fogo os seus compêndios de mágicas, eles divulgaram as fórmulas mágicas. Tais fórmulas tornaram-se então inúteis para os pagãos, pois estes acreditavam que o segredo também era necessário para a eficácia dos encantamentos mágicos.

AGITAÇÃO POPULAR

Na narrativa acerca de Demétrio e dos ourives, Diana era a deusa local da fertilidade, que fora identificada com a divindade grega Artemis. Sua imagem, no templo de Éfeso, aparentemente era um meteorito que os efésios imaginavam assemelhar-se a uma mulher com muitos seios. O próprio templo, uma das sete maravilhas do mundo antigo, tinha uma área de quase três mil metros quadrados. Quando a turba encheu o anfiteatro, que acomodava cerca de 25 mil pessoas, os judeus não cristãos temeram que haveriam de sofrer, devido à associação com os cristãos, porquanto os judeus também pregavam contra a idolatria. Assim sendo, instigaram um homem de nome Alexandre para que esclarecesse à multidão que os judeus nada tinham a ver com os cristãos. Mas a voz de Alexandre não era páreo para o rugido da multidão. Somente quando o escrivão da cidade os acalmou, advertindo que a perturbação civil poderia provocar a perda das liberdades cívicas, foi que a assembleia raivosa se dispersou.

A VIAGEM A JERUSALÉM

Após dois anos e três meses em Éfeso, Paulo viajou para Macedônia e Acaia, recolhendo uma oferta para a igreja de Jerusalém. Era sua intenção ir à Roma depois de entregar essa oferta. Ele foi efetivamente à Roma, mas sob circunstância bem diferentes daquela que havia imaginado, pois chegou lá chegou como prisioneiro. Ele planejava embarcar num navio de peregrinos judeus, da Grécia para a Palestina, para participar da festa da Páscoa que se aproximava. Os judeus, entretanto, conspiraram por livrar-se dele durante a viagem. Alterando seus planos, ele voltou a cruzar a Macedônia. Seguindo pela costa ocidental da Ásia Menor na direção sul, ele se despediu dos anciãos de Éfeso, que foram encontrar-se com ele em Mileto. Ao mesmo tempo que prosseguia a sua jornada na direção de Jerusalém, repetidas advertências lhe foram sendo dadas, que ele seria detido e perseguido ali. É motivo de debates se essas advertências tinham o intuito divino de impedi-lo de ir a Jerusalém, e ele errava insistindo nessa viagem, ou se sua participação em sacrifícios judaicos, após sua chegada em Jerusalém, seria coerente com a sua teologia.

A PRISÃO DE PAULO EM JERUSALÉM

Corriam rumores que Paulo não somente ensinara aos gentios cristãos que não eram obrigados a observar a lei do Antigo Testamento, como também encorajara os crentes judeus a

não circuncidarem seus filhos nem guardarem a lei. Quando Paulo chegou a Jerusalém, quatro cristãos judeus haviam contraído impureza cerimonial, durante o período de um voto temporário de nazireado, e agora passavam por um período de sete dias de purificação. Conforme a lei mosaica, aqueles homens deveriam rapar a cabeça ao sétimo dia e deveriam trazer ofertas ao oitavo dia, antes de poder dar reinício ao seu voto de nazireado. Visto que a semana da purificação estava prestes a completar-se, os anciãos da igreja de Jerusalém sugeriram a Paulo que se unisse àqueles homens na observância dos ritos de purificação e que pagasse as despesas das ofertas deles, a fim de demonstrar que não era contra a lei mosaica, e Paulo concordou.

Porém certos judeus, vindos da Ásia Menor, já tinham visto em companhia de Paulo, em Jerusalém, um colega gentio de nome Trófimo, um efésio. Equivocadamente, pensaram que Paulo teria deixado seu companheiro gentio entrar nos átrios do templo, onde só aos judeus era permitido. Aos gentios era proibido entrar nos átrios mais interiores do templo, sob pena de morte, mesmo no caso de cidadãos romanos. Os clamores daqueles judeus provocaram grande agitação, e os soldados do tribuno romano Cláudio Lísias tiveram de vir socorrer Paulo. A fortaleza de Antônia, para onde Paulo foi conduzido, ficava a noroeste do recinto fechado do templo. A cidadela era guarnecida por soldados romanos, e um duplo lance de escadas ligava a mesma com o átrio mais exterior do templo.

Três anos antes desse incidente, um judeu egípcio apareceu em Jerusalém, declarando-se profeta. Ele conduziu um grupo de pessoas até o Monte das Oliveiras e determinou que eles esperassem até que as muralhas de Jerusalém desabassem por sua ordem. Em seguida, entrariam marchando na cidade e desbaratariam a guarnição militar romana. Mas o governador Félix enviou tropas, matou diversos judeus e encarcerou outros, e o judeu egípcio conseguiu escapar. A princípio Cláudio Lísias pensou que Paulo pudesse ser esse mesmo impostor, contra quem os judeus agora procuravam tirar vingança por havê-los iludido.

Em sua defesa perante o populacho judaico, Paulo salientou quão bom judeu ele era e quão devoto judeu era Ananias, o cristão que o ajudara. Também ressaltou a miraculosa visão de Cristo por ele recebida na estrada de Damasco. Os judeus continuaram a ouvi-lo, até que ele disse que Deus lhe ordenara ir pregar aos gentios. Incapazes de tolerar o pró-gentilismo, os judeus clamaram exigindo o sangue de Paulo, tal e qual haviam exigido a morte de Jesus.

A fim de determinar a razão do levante, Cláudio Lísias conduziu Paulo à presença do Sinédrio, mas a sessão terminou em confusão. Quando o jovem sobrinho de Paulo ouviu falar que havia uma emboscada preparada para assassiná-lo, levou essa informação a Cláudio Lísias. Imediatamente o tribuno enviou Paulo para Cesareia à noite, escoltado por um contingente de soldados encarregados de protegê-lo. De conformidade com a carta que escreveu ao governador, que se achava em Cesareia, Cláudio Lísias teria socorrido Paulo ao saber que ele era um cidadão romano. Na verdade, ele só descobriu a cidadania romana de Paulo quando o apóstolo estava prestes a ser açoitado, com o propósito de extrair dele alguma informação, o que era um procedimento ilegal contra um cidadão romano não condenado.

A CIDADANIA ROMANA DE PAULO

O diálogo que houve entre Paulo e Cláudio Lísias (22.27—29) revela que ele era cidadão romano por nascimento, e que Cláudio Lísias havia adquirido a dinheiro sua cidadania “me

custou grande soma de dinheiro”, o que pode indicar um suborno. A cidadania de Paulo por direito de nascimento era superior em ordem de escala. Os nomes dos cidadãos estavam registrados em Roma e nos locais de suas residências.

Os cidadãos propriamente ditos possuíam certificados de cera, de madeira ou de metal, com os nomes das testemunhas do fato. A execução era a penalidade imposta por falsa reivindicação de cidadania. Se um cidadão não levava consigo o seu certificado, ou se este fosse suspeito de alguma infração, as autoridades podiam pedir que ele apresentasse as suas testemunhas. Talvez isso explique porque Paulo, que viajava constantemente a lugares distantes, não apelou com maior frequência para sua cidadania romana.

PERANTE FÉLIX

Um homem de nome Tértulo atuou como promotor em favor dos judeus, apresentando as acusações contra Paulo em Cesareia. Suas palavras lisonjeiras para com o governador Félix e a promessa de que seria breve, fazia parte da forma tradicional de iniciar discursos. A acusação feita contra Paulo é que ele vivia perturbando a paz. A perturbação da paz era um crime elasticamente definido, que os imperadores tirânicos costumavam usar como arma de terrorismo político. Quase qualquer coisa podia ser colocada dentro dessa categoria. Em sua réplica, Paulo asseverou que em parte alguma fizera agitação entre o povo. De fato, ele viera a Jerusalém não no espírito de contenção, mas trouxera uma oferta para ajudar os judeus residentes na cidade. E observou enfaticamente que os judeus da Ásia Menor, que tinham provocado a turba e o haviam acusado originalmente, não tinham comparecido no tribunal para depor contra ele.

Em seguida, Paulo argumentou que o Cristianismo não era antagônico ao Judaísmo, mas sim um cumprimento de seus princípios mais profundos. Perante o Sinédrio, em Jerusalém ele afirmou que o único “crime”, do qual poderia ser acusado, fora sua declaração de fé na ressurreição. Até a facção farisaica do Sinédrio tinha dado apoio à posição paulina, embora naturalmente não acreditassem na ressurreição de Jesus, conforme Paulo cria. Em todas as suas apologias, registradas na porção final do livro de Atos, Paulo pôs em destaque a ressurreição como elemento crucial da fé cristã e como terreno comum entre o Cristianismo e o Judaísmo ortodoxo (24.15 e 26.8,22-23). Adiando uma decisão imediata a respeito de Paulo, Félix o manteve sob custódia, mas ouviu-o novamente em particular, em companhia de Drusila (At. 24).

PERANTE FÉLIX E DRUSILA

Drusila era uma jovem noiva que nem chegara ainda aos vinte anos de idade. Quando ainda bem criança, fora prometida em casamento a um príncipe da Ásia Menor, mas o casamento não tivera lugar porque o tal príncipe se recusou converter-se ao Judaísmo. Posteriormente, Drusila contraiu matrimônio com um rei vassalo de certo estado sírio. Quando ela tinha dezesseis anos de idade, entretanto, Félix, com a ajuda de um mágico de Chipre, conseguiu conquistá-la e afastá-la de seu marido, para tornar-se sua terceira esposa. É perfeitamente compreensível, pois, que quando Paulo pôs-se a raciocinar com Félix e Drusila, a respeito da justiça, do autocontrole e do julgamento futuro, Félix, que esperava uma discussão

meramente abstrata sobre o Cristianismo, julgou que o sermão era desconfortavelmente incisivo e pessoal. Deixou Paulo ir-se da presença deles, mas manteve Paulo sob custódia, na esperança de que oferecer-lhe-ia suborno, a fim de ser libertado. Todavia, a esperança de receber dinheiro da parte de Paulo não foi o único fator que impediu Félix de soltar o apóstolo, apesar de estar convencido da inocência de Paulo. O fato que já ofendera os judeus por certo número de vezes, e algumas modificações administrativas no governo central de Roma, tornaram a posição política de Félix como governador bastante precária, e ele não ousaria ofender novamente os judeus libertando Paulo.

PERANTE FESTO

Um indivíduo de nome Festo, sucedeu Félix na governança da província. Seu primeiro ato foi subir a Jerusalém a fim de travar conhecimento com os principais judeus, os membros do Sinédrio. Imediatamente eles renovaram suas acusações contra Paulo perante o novo governador, e solicitaram que ele fosse transferido para Jerusalém, a fim de ali ser levado ao tribunal. Talvez estivessem planejando assassinar a Paulo no caminho, tal como já haviam conspirado antes, mas visto que Festo não pretendia permanecer por muito tempo em Jerusalém, sugeriu aos judeus que enviassem uma delegação de acusadores a Cesareia. Mas Festo pouco se importava se esse julgamento teria lugar em Cesareia ou em Jerusalém, porque o que lhe interessava era estabelecer relações amigáveis com os judeus. Ao retornar a Cesareia, por conseguinte, sugeriu a Paulo que aceitasse ser julgado em Jerusalém.

Paulo, entretanto, talvez temesse ser assassinado no caminho, ou talvez tivesse percebido que o Sinédrio convenceria Festo, um novato em questões judaicas, de que eles é que deveriam ter jurisdição sobre Paulo. E poderiam respaldar sua reivindicação argumentando que Paulo supostamente teria cometido sacrilégio contra o templo, o tipo de crime pelo qual os romanos com frequência cediam jurisdição aos judeus. Com facilidade o apóstolo poderia calcular o veredito, caso Festo o entregasse aos judeus para ser julgado. Qualquer que tenha sido o seu raciocínio, o fato é que Paulo exerceu o direito que tinha, na qualidade de cidadão romano, de apelar para César, em Roma, no tribunal.

PERANTE FESTO E HERODES AGRIPA II

Herodes Agripa II era bisneto de Herodes o Grande, o rei de uma pequena região próxima do Líbano. Sua irmã mais jovem Berenice, vivia com ele em Cesaréia de Filipe durante esse tempo, quando Agripa veio fazer a Festo uma visita oficial de boas vindas, em honra à sua nova governança, Festo decidiu tirar vantagem da situação, fazendo Agripa, conhecedor que era das questões judaicas, ouvir Paulo e ajudar a ele mesmo no preparo de uma lista de acusações contra o apóstolo. E Festo haveria de enviar tal lista, juntamente com Paulo, quando este tivesse de comparecer perante César.

A fim de provar a realidade de sua visão transformadora na estrada de Damasco, Paulo frisou o papel que desempenhara na perseguição contra os cristãos. Mas também sublinhou o fato que anteriormente fora um fariseu, e portanto já cria na ressurreição. Agora estava sendo ridiculamente acusado de pregar o cumprimento, em Jesus Cristo, da doutrina na qual sempre crera como fariseu. E, dentre todos os povos, eram exatamente os judeus, com a única exceção

dos saduceus, que também acreditavam na ressurreição. Mas Festo, o juiz hospedeiro, interrompeu a defesa de Paulo com a acusação que ele perdera o juízo através do excessivo estudo. Paulo entretanto apelou para Agripa, o juiz convidado, observando que as questões relativas aos judeus eram de conhecimento geral e indagando de Agripa se ele acreditava ou não nas profecias messiânicas.

O apelo de Paulo deixou Agripa embaraçado. Dificilmente ele poderia afirmar que concordava com Paulo, depois que seu hospedeiro, Festo, acabara de acusar o apóstolo de insanidade mental. Mas também não podia dizer que não acreditava nos profetas, sem danificar sua reputação de ortodoxia entre os judeus. Astutamente, pois, ele indicou que uma maior persuasão que aquela seria necessária para fazer dele um cristão. O propósito de Lucas, ao relatar esse episódio, foi demonstrar que a opinião de Agripa, perito como era sobre as questões judaicas, concordava com as opiniões de Félix e de Festo, no sentido que Paulo não era culpado de qualquer crime real.

A VIAGEM DE PAULO PARA ROMA

O recolhimento do bote durante a tempestade (27.15-17) alude ao fato que um pequeno bote, que em bom tempo era rebocado atrás da embarcação maior, fora recolhido a bordo. Os marinheiros passaram cabos por baixo e em volta do navio, amarrando-os bem apertados, para impedir que as tábuas se desconjuntassem devido à inclinação do mastro. A referência ao arriar dos aparelhos provavelmente indica que retiraram as velas mais altas, as quais eram empregadas somente durante bom tempo. Mas as velas que podiam ser usadas em ocasiões tempestuosas continuaram infladas. Em seguida foi lançada ao mar a carga, e em seguida todos os equipamentos restantes do navio. Durante todos os onze cansativos dias e noites, sem dúvida o navio ia fazendo água perigosamente. A única esperança é que viessem a dar em alguma praia, mas os marinheiros não sabiam em que direção deveriam dirigir o barco. As nuvens tempestuosas haviam encoberto o sol e as estrelas, e naquela época não se tinha ainda inventado a bússola. O desespero se apossou de todos que estavam a bordo. O enjoo do mar os impedia de se alimentarem. Por fim, o propósito divino a respeito de Paulo resultou na segurança de todos.

EM ROMA

Perante os líderes judeus de Roma, Paulo deixou bem claro que estava ali em pura autodefesa. Não tinha intenção de acusar a nação judaica nem os seus líderes. Os judeus de Roma negaram ter qualquer conhecimento sobre Paulo, ou ter algum conhecimento direto do movimento cristão, apesar de admitirem que tinham ouvido relatos negativos a respeito da reputação desse movimento. O mais provável, entretanto, é que notícias atinentes a Paulo já tivessem chegado até aos judeus de Roma. E não se pode duvidar que estes já tivessem entrado em contato com cristãos de Roma, porque a igreja cristã dali já se achava fortemente estabelecida. Ao que parece, os representantes da comunidade judaica não cristã de Roma estavam fingindo ignorância. Algum tempo depois, num dia convenientemente marcado, um grande número de judeus veio ouvir Paulo explicar-lhes o evangelho. Alguns lhe deram crédito, mas a maioria o repeliu, e Paulo voltou sua atenção para a evangelização dos gentios.

A demora de pelo menos dois anos, para que Paulo fosse julgado, pode ter um ou mais dentre diversos fatores: (1) a necessidade de seus acusadores virem da Palestina; (2) a destruição, durante o naufrágio, da documentação preparada por Festo a respeito das acusações feitas contra Paulo, com a conseqüente necessidade de serem enviadas cópias de Cesareia; e (3) o atraso em que se encontrava a agenda forense de Nero, por causa do enorme número de casos que ele precisava julgar.

Durante esse período de adiamento, Paulo desfrutou de considerável liberdade como prisioneiro. Embora constantemente preso por correntes a um soldado romano, e confinado à casa que alugara, Paulo podia receber a visita e os cuidados de seus amigos por ser cidadão romano, contra quem nenhuma acusação fora ainda comprovada. E Paulo aproveitava sua semiliberdade para pregar. Lucas queria que seus leitores notassem o fato que mesmo em Roma, a capital do império, o evangelho não fora proibido como religião ilegal. Dessa maneira, portanto, Lucas traçou a marcha triunfal do evangelho de Jerusalém até Roma.

CONCLUSÃO

Lucas fez um cuidadoso encadeamento da proclamação apostólica da Palavra de Deus com a Palavra que Jesus ensinou e cumpriu. Desse modo, a Palavra de Deus dá coesão aos dois volumes de sua obra, quando a salvação que o anjo proclamou na noite do nascimento de Jesus na Judeia (Lc. 2.10-12) é levada à capital do Império Romano. Lucas apresenta “os fatos que entre nós se realizaram” (Lc. 1.1) como uma continuação da história da salvação do Antigo Testamento, mostrando como essa história alcança seu ponto culminante em Cristo, e como ela, por intermédio dos apóstolos dirigidos pelo Espírito Santo, flui de Cristo para uma nova fase, a Igreja, como o povo escatológico de Deus.

Ao proceder dessa maneira, Lucas deu a Teófilo, e continua dando a todos os cristãos, a certeza de que a nossa fé está alicerçada nos atos de Deus na História e que a mensagem em que cremos foi enviada da parte de Deus.

Bibliografia:

A Bíblia Anotada (ARA), Charles Caldwell Ryrie, Editora Mundo Cristão, 1ª edição, 1991.
Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, R.N. Champlin e J.M. Bentes, Editora Candeia, 1995.
Introdução ao Novo Testamento, D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, Edições Vida Nova, 1ª edição, 1997.
Panorama do Novo Testamento, Robert H. Gundry, Edições Vida Nova, 4ª edição, 1987.